

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DOS LEIGOS NA IGREJA

- 1. Na igreja primitiva havia somente leigos.** Jesus, os apóstolos, os discípulos (homens e mulheres) todos eram leigos. Jesus não gostou do sacerdócio judaico. A classe sacerdotal daquele tempo era exploradora e dominadora como os donos da terra, os romanos e os herodianos. Por sua vez, o templo era o centro de rastreamento e acumulação da riqueza. Era mais um banco que a casa de Deus. Jesus prevê uma igreja sem templo e sem classe sacerdotal. Na igreja de Jesus o templo serão as pessoas, cada pessoa. Cada cristão será sacerdote e templo. A igreja de Jesus será um povo sacerdotal, mas ficando todo mundo num estatuto laical. Cfr. 2ª carta de Pedro. Os primeiros diáconos, padres e bispos eram leigos. Se vejam os nomes deles: servidores, anciãos, supervisores.
- 2. Significado da igreja primitiva.** Lembrar Carlos Mesters: na Bíblia o que aparece no começo da história é a imagem daquilo que se encontrará no fim dela. Adão e Eva, primeiros homens inocentes, amigos de Deus e da criação, são imagens da humanidade inocente e amiga de Deus que, no fim da caminhada, formará o reino de Deus definitivo. Da mesma maneira, os cristãos da igreja primitiva –aqueles que tem tudo em comum e dividem seus bens com alegria- são imagens da humanidade que encontraremos no Reino de Deus para sempre. Assim como é, a igreja primitiva pode ser uma realidade em carne e osso, mas é, antes de tudo, uma imagem, uma profecia da igreja definitiva ou do Reino de Deus. Queridos irmãos e irmãs, um belo dia não haverá nem papa, nem bispos, nem padres, nem reis, nem presidentes, nem empresários, mas seremos todos

iguais na casa de Deus definitiva e falaremos com ele face a face.

3. Como se deu a diferença entre clérigos e leigos.

Diferença de funções e diferença de valores. No espaço de quatro ou cinco séculos (entre o II e VI sec. após C.) os clérigos serão tudo e os leigos serão nada. Eis algumas das razões que determinaram tal situação: a) **A queda de Jerusalém** (ano 72). Os judeus convertidos ao cristianismo não aceitam o fim do templo e da classe sacerdotal e se perguntam: como a história pode continuar sem o sacrifício que, a cada dia, aplaca a ira de Deus contra a humanidade? Eis a resposta que a eles chegou por meio da b) **Carta aos hebreus**: não temos templo e não temos sacerdote, mas temos Jesus que é mais que sumo sacerdote. E, com esta afirmação, a ideia de sacerdócio e sacerdote volta entre os cristãos. Jesus é o único verdadeiro sacerdote porque, em lugar de oferecer bois e ovelhas, ofereceu **a si mesmo**. c) **A concorrência com o paganismo**. Em Roma e no império se celebram liturgias esplêndidas, sendo que o próprio imperador é sumo sacerdote. Se os cristãos querem vencer a batalha contra as falsas religiões, tem que ter uma liturgia e um sacerdócio que supere todos os exemplares circunstantes. Daí, o bispo de Roma se tornar *summus pontifex* como Augusto ou Constantino. Daí, as basílicas romanas e de todo o império. d) **As exigências dos imperadores cristãos**. Pelo bem do império, e para que o império seja unido, eles querem que o cristianismo se torne a única religião, a cola que junta dezenas de povos diversos. e) **As conversões em massa**. Para gozar da proteção e simpatia do imperador todo mundo corre a se batizar, a se tornar cristão. Ninguém quer perder seu lugar de trabalho ou sua posição social. Nesta situação bispos e padres se tornam os maiores fiduciários do imperador e do poder político em geral. Eles podem manter unido o império e, portanto, passam a ser privilegiados e evidenciados,

recebendo salário da parte do governo. Mais ainda: as massas que enchem as igrejas e basílicas não sabem nada ou muito pouco da nova religião e não tem condição de concelebrar a eucaristia com padres e bispos. Limitam-se a assistir, deixando que a eucaristia se torne negócio exclusivo dos clérigos. Eis porque ainda hoje um dos mandamentos da igreja reza: assistir a missa aos domingos e nas festas comandadas.

4. Uma reviravolta inesperada. Os imperadores do império cristão se consideram vigários do Pai do Céu enquanto os papas são somente vigários do Filho do Pai do Céu. A partir de Constantino, os imperadores cristãos se sentem encarregados de realizar o Reino de Deus na terra e não querem que a igreja mexa nas coisas do mundo. Ele mesmo tinha dito aos bispos: "Vocês pensem a Deus e ao céu, pois para a terra penso eu". Conclusão: padres e bispos tem que manter a ordem e a união do império, mas só para salvar as almas e abrir-lhes as portas do céu. E os leigos cristãos? A tarefa deles é unicamente a de obedecer: por um lado ao governo imperial e, por outro lado, ao governo da igreja, se é verdade que querem a salvação. Para os cristãos leigos não podia chegar uma situação pior. Daqui para frente deverão somente depender e obedecer enquanto a formação deles ficará infantil por quase quinze séculos.

5. O golpe sinistro de Dionísio Areopagita. Com a sua teologia, o monge Dionísio Areopagita vem congelar a situação acima dita. Em base à visão platônica dele, os clérigos, ou seja a hierarquia, chegam à terra vindo do alto, vindo de Deus e, por serem santos e retos, são responsáveis do caminho de todos os cristãos. Ao contrario, os leigos vem da terra, da matéria e do pecado e, para se salvarem, tem que se submeter e deixar-se guiar pelos clérigos. Acrescento uma dramática observação: na condição em que se encontram, os

leigos não tem missão a cumprir, nem sequer vocação. É quanto ainda se pensa hoje em muitos ângulos da igreja católica. Só padres, bispos, religiosos e religiosas tem vocação e podem almejar a santidade. Os leigos podem ter profissão mas não vocação. Esta posição é ainda normal e básica em toda a igreja católica, apesar do que o Concílio afirmou em contrário uns 50 anos atrás.

6. Tentativa de desmanchar o sistema. A mais simpática, e pouco conhecida empresa de revirar o sistema piramidal da igreja histórica, foi posta em ato por Francisco de Assis no século XIII. Ele não queria que seus confrades estudassem teologia, isto é não queria que fossem clérigos e não queria que formassem uma ordem religiosa a serviço da igreja. Ele queria que seus confrades fossem leigos e ficassem leigos para estarem não a serviço da igreja mas do evangelho e do povo cristão. Para Francisco, o povo cristão era desconhecido e abandonado a si mesmo. Só um retorno ao Evangelho entendido ao pé da letra ou um retorno à igreja primitiva toda de leigos era desejável e se podia propor. "Eu não quero ser como Agostinho, Bento ou Bernardo" dizia Francisco ao cardeal Hugolino, protetor da fraternidade franciscana. "Não quero que meus irmãos formem uma ordem religiosa que se separe do povo e o abandone...". Francisco não conseguiu realizar seu intento e se separou da fraternidade para viver isolado, durante os últimos dois anos, no monte da Verna.

7. A emergência dos leigos na modernidade. Na revolução francesa o povo adquiriu o poder de decidir pelo bem do país ao lado da burguesia e do clero. Em seguida, todo o século XIX foi uma ocasião para os leigos aparecerem como classe com força própria e indispensável para o caminho da história. Na Alemanha os leigos se distinguiram, como historiadores ou filósofos, na tentativa de evidenciar o papel do povo na

condução da religião enquanto, na França, outros intelectuais de tendência sociológica chegaram a formar grupos e partidos políticos de inspiração cristã. Na Itália se precisou esperar o século XX para ver os cristãos leigos se meter entre política e religião até se tornarem decisivos na situação provocada pela segunda guerra mundial.

8. O Concílio Ecumênico V. II e a nova reviravolta.

Aprovando a presença ativa e determinante dos leigos na igreja e na sociedade dos últimos tempos, o pensamento conciliar põe as bases por uma revolução total na estrutura da igreja. Eis os termos de tal incrível e inesperada revolução: a) A igreja é um povo formado por clérigos e leigos. b) Na igreja povo de Deus todo mundo tem vocação. Os clérigos tem a vocação de sempre enquanto os leigos tem pelo menos duas vocações. Primeira vocação: os leigos tem que ajudar os clérigos nas suas funções até o ponto de substituí-los em determinadas áreas. Segunda: os leigos tem uma vocação própria e irrenunciável: com seu trabalho, sua profissão, sua inteligência e competência científica, tecnológica, social e política, tem que transformar o mundo no Reino de Deus, ou seja numa fraternidade de tamanho mundial. Por sua vez, esta segunda vocação se subdivide noutras duas menos evidentes. Visto que o Reino de Deus tem a ver com a sociedade mundial, os leigos tem que descobrir a oportunidade de tomarem duas direções: difundir o ideal cristão no seu lugar de vivência e fazer com que o ideal cristão chegue até os confins do mundo. Com estas palavras estou falando da vocação missionária dos leigos que, se não precisa ser evidenciada no caso dos clérigos, deve ser evidenciada e muito mais aprofundada e esclarecida no caso dos leigos.

9. Os leigos no catolicismo brasileiro. Por incrível que pareça, a presença dos leigos na igreja brasileira foi

intensa e determinante ao longo de toda a sua história. Se veja e se estude a tarefa religiosa dos leigos mediante a rede das confrarias e o empenho de rezadores e rezadoras. Poderíamos dizer que o catolicismo brasileiro é mais leigo do que muitos outros catolicismos. Gilberto Freire achou fascinante o catolicismo popular brasileiro, quer dizer o catolicismo dos leigos, mas seu livro CASA GRANDE E SENZALA é mais conhecido no exterior do que no Brasil. Encontrei padres e teólogos brasileiros que não sabiam o nome da obra clássica de Gilberto Freire, apesar de ter sido traduzida em mais de setenta línguas. O fato de Gilberto Freire ser de extração burguesa e de sustentar um catolicismo que não se põe a problemática social dos tempos modernos, a sua obra é um hino e um monumento à religiosidade dos leigos brasileiros. Sem a tradição religiosa laical, no Brasil não teríamos as comunidades de base, o movimento dos sem terra e a própria teologia da libertação. Um bispo da Amazônia, dom Erwin Krautler, dizia um dia numa grande reunião em Vitória do E. Santo: "Temos uma prelaia com superfície maior do que a Itália (kmq. 354.000 em lugar dos 302.000 kmq da Italia) mas com somente uns quarenta missionários e missionárias. Que poderíamos fazer se, nas quinhentas comunidades eclesiais, não encontrássemos algumas centenas de agentes de pastoral leigos?".

- 10. Os leigos nos encontros de Santarém (1972) e Manaus (1974).** Participei de ambos os encontros e, embora não houvesse uma significativa presença dos leigos, uma meia dúzia deles representavam os dois regionais (Norte 1 e Norte 2) constituindo uma novidade a ser assinalada e gritada aos quatro ventos. Mais ainda, em Santarém por ao menos três dias íntegros ocupou a mesa das exposições o leigo casado prof. Tupiaçu da Universidade Federal do Pará falando das problemáticas sociais da Amazônia e de como enfrenta-las tanto do

ponto de vista político quanto do ponto de vista religioso e pastoral. Coube também a mim expor alguma ideias sobre a maneira de se posicionar frente aos leigos e de lança-los na aventura da pastoral e dos novos caminhos que o Concílio tinha aberto para todo mundo. Acenei às capacidades criativas do nosso povo, sem esquecer de evidencia-las com uma pitadinha de *samaritanismo*. Que é que eu queria insinuar com um termo tão inusitado? Queria dizer que o nosso povo era samaritano em dois sentidos: no sentido de ter um comportamento livre frente a religiosidade oficial e no sentido de poder explorar tal comportamento à maneira de Jesus, visto que Jesus tinha em conta os samaritanos e podia preferi-los aos irmãos israelitas. Em Manaus, dois anos depois, foi dom Angelo Frosi que, sendo presidente do Regional Norte 2, me obrigou a substituir um palestrante que devia vir do Peru e estava dando sinal de não poder chegar entre nós. A minha palestra durou mais de uma hora, afirmando que o povo cristão tinha uma própria visão e uma própria teologia e que ambas mereciam o maior respeito. Disse que S. Joaquim e S. António para o povo representavam o divino e o sobrenatural e podiam ser mais importantes do que os padres e os bispos. Ambos os encontros terminaram com um marco que podia mexer em todo o Brasil e em toda a Igreja: os leigos eram vistos, pela primeira vez, como sujeitos da pastoral e deviam merecer aquelas preferencias formativas que a igreja costumava reservar aos clérigos e aos religiosos.

11. Uma teologia para todos na UFPa. O projeto de uma teologia para todos era mais devido ao pessoal da universidade que a bispos e padres. Em particular havia quem na Universidade Federal do Pará insistia para que se retomasse uma tradição de grande prestigio na Europa e nos Estados Unidos: ter nas universidades públicas cursos de teologia independentes da autoridade da igreja e abertos para todas as categoria de

estudantes. No Brasil não teria sido possível conseguir tal privilegio de uma vez, mas se era de acordo em avançar mediante uma certa gradualidade. Na Federal havia quatro responsáveis de primeiro plano que diziam: "Vamos começar com um curso concordado entre universidade e igreja católica e o resto virá por sua conta, dentro de um tempo a imaginar em vez que a saber". Eles eram o Reitor Malcher e os três vice-reitores escolhidos por ele: Antonio Viseu, Nelson Ribeiro e o cônego Ápio Campos. Um pessoal que aderiu alma e corpo aos ditados da nossa igreja e que, em relação à ditadura militar, não precisava nem de brigar com ela nem de prestar-lhe uma submissão ostensiva. As coisas funcionaram bem por alguns anos, até que a oposição dos professores às ideias e aos métodos da ditadura criou um curto circuito com o governo federal e a igreja foi obrigada a se retirar em boa ordem. Mas não foi somente de Brasília que chegou a ordem de não permanecer na Universidade Federal. Na própria igreja e até em alguns bispos havia uma certa inquietação a respeito de seminaristas que deviam estudar ao lado de leigos e leigas casados ou destinados a casar. O que para nós professores parecia ser a coisa melhor -ensinar teologia a representantes das várias áreas da realidade, ou seja a pais, mães, filhos, trabalhadores e profissionais, católicos e evangélicos, religiosos e ateus- para certas áreas do clero era coisa dispersiva e perigosa e se precisava voltar ao *hortus conclusus* ou à prisão do seminário. Que tristeza impedir que as doutrinas relativas à palavra de Deus chegassem a representantes do povo de Deus. Isso mesmo, para que os leigos possam beber às fontes da palavra, por direito e por vocação, precisava uma igreja diferente, a igreja da qual estamos falando e está começando a bater às portas de uma tradição milenária.

12.As tarefas dos leigos cristãos. Quando teremos uma igreja em que todos os batizados –homens e mulheres,

clérigos e leigos- são iguais, será muito mais fácil determinar as tarefas e distribuí-las variamente. Por enquanto devemos nos contentar com fórmulas provisórias e mais oportunas possível. Aqui gostaria somente acenar a um princípio que raramente entre nós é colocado em consideração. O princípio diz respeito às tarefas que os cristãos devem assumir não somente dentro da igreja, mas também fora dela: na realidade, na história, no caminho da humanidade em direção ao Reino de Deus. É muito errado pensar que os ministérios de leigos e clérigos se esgotem em serviços desenvolvidos ao interior da igreja. Voltaríamos de novo àquele estrabismo que dominou os últimos quinze séculos da história da igreja, atribuindo uma vocação somente a clérigos e religiosos e deixando os leigos em condição nem de crescer nem de agir. Para ser mais simples se poderia dizer que cada cristão tem pelo menos duas vocações: uma para trabalhar ao interno da igreja e uma para trabalhar no coração da realidade para que seja transformada e posta em relação ao Reino de Deus. As duas vocações são igualmente básicas, importantes e indispensáveis. Por que não devem ter vocação os pais, os educadores, os médicos, os juizes, os advogados, os políticos, os artistas, os esportistas e os homens da ciência e da tecnologia em vista e em função do Reino de Deus? Diria antes que a vocação a trabalhar no mundo em vista do Reino de Deus é mais importante do que a vocação a desenvolver serviços ao interior da comunidade cristã, na liturgia, na catequese ou no ensino teológico. A que serviria uma igreja bem estruturada e ativa no seu interior se, ao mesmo tempo, seus afilhados não estão voltados para o mundo e para suas trágicas problemáticas? A que serviria uma igreja que pensa somente a si mesma e não ao mundo inteiro que deve conduzir a Deus por sua vocação global?

13. Na igreja do futuro todos seremos leigos e todos sacerdotes. Lemos e ouvimos frequentemente dizer que

a escassez de sacerdotes cada vez mais constatável prejudicará sempre mais a igreja, ao mesmo tempo em que se discute muito e nervosamente acerca da solução a procurar. Ordenar leigos de vida exemplar? Ordenar mulheres? Permitir que o sacramento do matrimônio caminhe lado a lado com o sacramento da ordem dentro da singularidade de uma mesma pessoa? Mas há também a possibilidade de um solução mais radical e mais lógica ao mesmo tempo. É a solução que viria da valorização do sacerdócio batismal que cada cristão possui por vocação se não por consagração do Espírito Santo. Se unidos a Cristo somos todos sacerdotes à maneira dele, o que nos falta para termos também um sacerdócio ministerial capacitado a celebrar os serviços desenvolvidos por ele em benefício da humanidade? Se somos chamados a viver, morrer e ressuscitar como Cristo, porque devemos ser impedidos de celebrar os mesmos mistérios que vivemos pela força do Cristo? Entre o ser e o celebrar há uma distância incalculável, um abismo, querendo dizer com isso que o celebrar é mil vezes menos que o ser e que, no fato de ser, caberia mil vezes a possibilidade de celebrar. Se percebe também que assunção deste novo caminho implicaria em muitas outras questões que, à primeira vista, podem parecer insolúveis. Mas sabendo que o problema maior o resolvemos quando tentamos assemelhar a Cristo na vida, na morte e na ressurreição, podemos nos convencer que todos os outros problemas devem ser menores e de mais fácil solução. Voltando ao começo da nossa conversação, lá onde dissemos que na igreja primitiva havia somente leigos, podemos terminar afirmando que na igreja do futuro seremos todos leigos e todos sacerdotes ao mesmo tempo, superando uma crise que não tem medida e restituindo à igreja a mobilidade e a criatividade dos primeiros tempos. A divisão entre clérigos e leigos pode ter sido lógica e produtiva de efeitos positivos na época em que

aconteceu, mas era uma divisão utilitária e provisória, pois tudo o que vem de Deus e conduz a ele é naturalmente unitivo e unificante.

Belém do Pará, 25.04.12.

Savino Mombelli.